



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
PROGRAMA REDE UNEB 2000
PROGRAD – SEC. MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO - JACOBINA
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

**ELIZABETE SILVA DOS SANTOS PEREIRA
MARGARETE MENESES OLIVEIRA FERREIRA
RÍSIA FERREIRA DA SILVA**

**DIFICULDADES DO ENSINO-APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO:
UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR**

Jacobina – Bahia
2009

**ELIZABETE SILVA DOS SANTOS PEREIRA
MARGARETE MENESES OLIVEIRA FERREIRA
RÍSIA FERREIRA DA SILVA**

**DIFICULDADES DO ENSINO-APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO:
UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR**

Monografia apresentada ao Programa Rede Uneb 2000 para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia das Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

Professor Orientador: MsC Eliã Siméia M. dos S. Amorim

**DIFICULDADES DO ENSINO-APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO:
UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao Programa Rede Uneb 2000, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como exigência parcial para conclusão do curso de graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia das Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

Composição da Banca Examinadora:

Profª Msc. Eliã Siméia Martins dos S. Amorim - UNEB
ORIENTADORA

Profª Msc - UNEB
AVALIADOR (a)

Profª Msc. - UNEB
AVALIADOR (a)

Aprovado em _____, de _____ de 2009

Dedicamos aos esposos pela compreensão, dedicação, apoio,
paciência, confiança, colaboração e
força para enfrentarmos os obstáculos desta jornada.
Agradecê-los apenas é muito pouco, para quem tanto dedicou e ajudou na
realização dessa vitória.

“O trabalhador social que opta pela mudança não teme a liberdade, não prescreve, não manipula, não foge da comunicação, pelo contrário, a procura e vive”.

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

A Deus, que nos deu o dom da vida, nos presenteou com a liberdade, abençoou com a inteligência e a graça de lutarmos pelas conquistas dos nossos sonhos e realizações.

A Profª Norma Neyde Queiroz de Moraes, mentora do programa Rede Uneb 2000, que vem oferecendo a formação de qualidade para professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, em toda a Bahia.

Ao ex-gestor Dr. Rui Macedo, que não hesitou em tornar real esse sonho para a formação dos professores Municipais de Jacobina.

Às coordenadoras e diretoras do Campus IV, que por aqui passaram Profª Mirian Geonisse Miranda Guerra e Profª Ione Oliveira Jatobá Leal, pelos espaços cedidos.

À nossa orientadora da monografia Profª Msc. Eliã Siméia Martins dos Santos Amorim que, com sua incomparável sabedoria, contribuiu para a realização deste nosso trabalho.

À orientadora do curso Profª Ana Lúcia Oliveira Freitas de Carvalho, pela sua delicadeza e dedicação à turma.

Aos mestres que tanto se empenharam em suas tarefas de mediadores do conhecimento.

Aos nossos pais, que na sua simplicidade, lutaram para que pudéssemos ingressar no mundo da educação.

A todos os familiares que direta ou indiretamente contribuíram para mais uma conquista.

Aos colegas pelo tempo de convivência compartilhando e construindo saberes.

RESUMO

O presente trabalho objetivou compreender como a formação do professor interfere no processo de alfabetização, mediante pesquisa quali-quantitativa, com método Fenomenológico, cujos instrumentos de coleta de dados foram pesquisa de campo, com questionário e entrevistas, com professoras, que atuam em sala de aula de alfabetização, da Rede Municipal de Jacobina. Percebeu-se que as maiores dificuldades para o processo de ensino aprendizagem estão relacionadas ao descaso existente por parte do Estado para o investimento na formação continuada e qualificada dos alfabetizadores. Os dados revelados nesta pesquisa mostraram que 100% das professoras entrevistadas não possuem graduação para alfabetização, uma vez que, não existe na legislação vigente tal formação, ficando assim a necessidade de serem oferecidos por parte dos órgãos competentes cursos de pós graduação para formar especialistas em alfabetização, que venha a contribuir para uma prática pedagógica consistente capaz de desenvolver um trabalho de qualidade no campo da educação, uma vez que este é o processo introdutório para o desenvolvimento cognitivo da criança em fase inicial para a formação do cidadão.

Palavras-chave: Alfabetização. Formação Continuada. Aprendizagem.

ABSTRACT

The present work objectified to understand as formation of teacher intervenes with alphabetical process, by means of research quality quantitative, with Phenomenology method, whose instruments of collection of data had been field research, with questionnaire and interviews, with teachers, who act in classroom of, of the Jacobina community. One perceived that the biggest difficulties for the education process learning are related to the existing indifference on the part of the State for the investment in the continued and qualified formation of the teachers. The data disclosed in this research had shown that 100% of the interviewed teachers they do not possess formation specifics to exert the function of teachers and nor courses of professional update, without has the application of the investments adjusted for the improvement of the education; of form that they can contribute the educators the access to the public universities or others that come to make the difference in the education.

Key words: Alphabetical. Continued formation. Learning

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Nível de Escolaridade das Professoras Alfabetizadoras	19
Figura 02: Meios de Atualização Docente	20

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Experiência com Alfabetização	20
Tabela 02: Dificuldades para realizar o Trabalho de Alfabetização	23

LISTA DE ABREVIATURAS

CEF – Conselho de Ensino Fundamental

MEC – Ministério de Educação e Cultura

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. ALFABETIZAÇÃO: PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE LETRAMENTO	12
2. FORMAÇÃO CONTINUADA DOS ALFABETIZADORES: UMA NECESSIDADE.....	16
3. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES.....	25
REFERÊNCIAS.....	30
APÊNDICES.....	32
APÊNDICE A: Questionário aplicado aos professores.....	33

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surgiu do interesse em compreender os motivos por que alguns alunos chegam ao final do Ensino Fundamental I, sem estarem alfabetizados de fato, ou seja, sem as habilidades necessárias ao letramento, apontadas por Teberosky (2002), como a leitura, escrita, interpretação, compreensão dos textos, resolução de conflitos, problematizações, dentre outros; pois segundo a autora "*ler não é somente decodificar um simples bilhete*" (TEBEROSKY, op. Cit.).

Um dos motivos, geralmente apontados para tal problema, está na formação inadequada dos professores alfabetizadores ou que pelo menos contemplem as reais necessidades destes para a realização de uma prática pedagógica consistente. Além deste fator, somam-se outras questões ou fatores endógenos ao aluno como: carência alimentar, doenças na infância, fadiga, apatia, desmotivação e outros; ou exógenos: distância de casa para a escola, trabalho infantil (que ainda acomete a realidade brasileira), problemas familiares, falta de acompanhamento em casa, condições precárias de moradia, relacionamentos interpessoais, dentre outros.

No sentido de delimitar o objeto da presente pesquisa, pretendeu-se focar apenas nos aspectos que se restringem à formação dos educadores, para diagnosticar até que ponto a formação do professor alfabetizador interfere na aprendizagem dos alunos de alfabetização? Para isto, tiveram-se como questões norteadoras:

- O que é o processo de alfabetização?
- Como acontece o processo de alfabetização?
- Qual a necessidade da formação continuada para alfabetizadores?

Como objetivos buscou-se compreender como a formação do professor interfere no processo de alfabetização; identificando qual a formação do alfabetizador; analisando de que forma a formação deste ou desta interfere na sua prática pedagógica; descrever e caracterizar elementos que contribuem para a formação do educador e quais os elementos, que contribuem para uma prática consistente.

Ainda buscando compreender as dificuldades encontradas pelos professores ao alfabetizar alunos que passam pelos anos escolares, muitas vezes repetindo e não conseguem desenvolver habilidades essenciais para que sejam considerados, de fato, alfabetizados garantindo a leitura e a escrita.

Para isto foi desenvolvida uma pesquisa quali quantitativa, com método Fenomenológico, com professores das escolas públicas do município de Jacobina, nas localidades de Itapeipu e de Paraíso, para diagnosticar o perfil dos mesmos enquanto alfabetizadores e suas dificuldades no exercício de suas docências. Segundo Cagliari:

Mais do que outros tipos de professores, os alfabetizadores precisam de uma formação especial, mais sólida e sofisticada, dada a importância e a complexidade do seu trabalho. E, é claro, uma melhor remuneração. Mas infelizmente o professor alfabetizador recebe, em geral, a pior formação e a pior remuneração, enfrentando, ainda, as piores condições de trabalho (CAGLIARI, 1999, 225).

Não queremos aqui com esse trabalho, criticar o profissional da alfabetização e sim, mostrar que, no processo ensino-aprendizagem é notório em nosso cotidiano, devido à precariedade e desprezo na formação continuada do educador, enfocando a qualidade da formação e a quantidade dos entrevistados, explorando os recursos, metodologias, o tempo de serviço, a formação, os relatos e a motivação dos mesmos. Buscou-se também fundamentar em pesquisas bibliográficas de vários autores, além da pesquisa de campo com questionário misto.

Portanto, a monografia está disposta em três capítulos, a saber: no capítulo I discute-se o processo de alfabetização e aquisição de letramento; o capítulo II aborda a importância da formação do alfabetizador e por fim, o III Capítulo aponta os resultados da pesquisa de campo seguido das conclusões e considerações finais.

1. ALFABETIZAÇÃO: PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE LETRAMENTO

Alfabetizar é sem dúvida, o momento mais importante na formação escolar de uma pessoa, pois, é nessa fase que a criança está iniciando o processo de conhecimento dentro da leitura e da escrita de acordo com o meio social do qual está inserido.

Smolka (2003) relata que a alfabetização tem constituído uma das questões sociais mais fundamentais por suas implicações político-econômicas e por se evidenciar instrumentos e veículo de uma política educacional que ultrapassa amplamente o âmbito escolar e acadêmico.

Estudos realizados por Marieta Lúcia Nicolau e Maria Adélia Moura (1986), comprovam que a educação da criança deve visar também à transformação da realidade. Através do poder da educação e dos educadores por acreditar no papel transformador da escola, uma vez que a criança ao chegar à escola se depara com um ambiente muitas vezes diferente da sua vivência familiar, por conter aspectos desfavoráveis como linguagem, conteúdos valores, expectativas esperadas e normas. Não estando, a escola, devidamente preparada para uma clientela em fase de alfabetização por não perceber a homogeneidade das crianças atendidas.

Para que haja sucesso na alfabetização é preciso que a escola tenha prioridade no aluno, considerando-o como centro do processo educativo, respeitando sua cultura, origem na medida em que possam atender a individualidade da criança diante do processo de aprendizagem.

Cabe à escola oferecer condições para a criança praticar livremente a escrita, porém um bom alfabetizador não se contenta apenas com a leitura e a escrita, ele buscará diferentes métodos e metodologias que venham a contribuir com o crescimento cognitivo da criança, visando a sua superação diante do aprendizado.

O relato de Emília Ferreiro (2006) sobre o desenvolvimento espontâneo e a intervenção pedagógica de modo geral nos dirige implicitamente para a suposição de que o processo de ensino deve imitar, da melhor forma possível, o processo de desenvolvimento espontâneo.

Sendo assim, o ensino não deve ser dissociado da realidade do aluno, não ignorando o conhecimento já adquirido antes do ingresso a escola, pois uma criança que convive com uma família onde se mantém o hábito de leitura de jornais, revistas, livros, etc., esta chega à escola com noções de conhecimentos lingüísticos,

porém, aquela que raramente viu alguém no ambiente familiar lendo ou escrevendo; apresenta maiores dificuldades para a construção do aprendizado. No processo de alfabetização não existe tempo determinada para que todas as crianças adquiram suas habilidades necessárias para a aprendizagem ao mesmo tempo. A criança ao ingressar na escola já é um falante capaz de entender e falar a língua materna. Porém ainda não é capaz de ler e escrever. Essa competência vai sendo adquirida e construída ao longo dos anos escolares do ensino fundamental.

O professor alfabetizador tem um papel relevante na organização, orientação e seleção de situações de aprendizagens adaptando seus métodos e técnicas que possam motivar o educando a construir seu conhecimento de forma mais consistente, colocando a sua sensibilidade acima de qualquer modelo pré-estabelecido e conhecer a realidade extra-escolar para que possa assim manter uma boa relação com a sociedade.

O processo de aquisição de conhecimentos no campo da alfabetização é um caminho longo a ser percorrido. Para considerar uma pessoa alfabetizada é preciso que ela mesma garanta habilidades de leitura e escrita, havendo coesão e clareza, interpretação e compreensão de textos enunciados, situações problema, domínio da linguagem simbólica, imagética, na expressão oral, representação e interação do sujeito com o ambiente e com o objeto de estudo. (FERREIRO op.cit)

Quando o aluno domina o conhecimento lingüístico específico torna-se capaz de opinar com criticidade participando das discussões em sala de aula com colegas e professor, como também em sua comunidade. A espontaneidade nesse período também emerge em qualquer momento.

Durante muito tempo a escola priorizou a cópia e a decoreba como estratégias de aprendizagem. A situação começou a mudar no final da década de 1970, com as pesquisas de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky. De acordo com elas, a criança estabelece, muito cedo, hipóteses em relação à escrita. Por isso é necessário compreender que as idéias dos alunos evoluem e, assim, dar espaço para que ele produza e mostre o que já sabe. O caminho para transformar copistas em leitores eficientes exige descobrir o estágio da alfabetização em que eles se encontram e ter consciência de que todos podem aprender.

Para que o aluno que só copia seja alfabetizado precisa:

- Ter segurança para que se arrisque e se sinta capaz de escrever;
- Compreenda que o erro faz parte da aprendizagem;
- Estar motivado a desenhar, criar histórias e registrar idéias;
- Reelabore textos e descreva situações apresentadas;
- Utilize jogos com letras, palavras e frases;
- Seja capaz de realizar atividades como pesquisas em jornais, revistas, e folhetos;
- Tenha o hábito de praticar leitura escrita diária na sala de aula;
- Participe de atividades em horários extraclasse.

Porém, para que alcance êxito no processo de alfabetização, o professor precisa compreender sobre as fases da psicogênese da língua escrita, para o funcionamento do sistema alfabético, por ser um caminho possível para que a criança domine a base alfabética e um pouco das convenções ortográficas e que, no futuro, venha a produzir textos, ler, interpretar e compreender a mensagem abordada.

O educador não deve subestimar a capacidade das crianças e desde os primeiros dias de aula deve levar, para a sala, diferentes tipos de textos e que trabalhe o todo para chegar às partes, pois assim, o educando aos poucos vai percebendo que o inteiro é formado por um conjunto, e ao invés de apenas representar ou grafar as letras soltas, ele passa a compreender a funcionalidade da linguagem escrita.

Estudos realizados em diferentes línguas tem comprovado uma retribuição significativa, onde a criança cresce em sua formação cognitiva com capacidade de refletir sobre o enunciado falado e o escrito.

No entanto, o professor precisa saber qual o nível de conhecimentos lingüísticos que seus alunos possuem para poder selecionar, organizar textos e atividades significativas, que venham garantir, às crianças, condições necessárias de compreender o comportamento leitor, sentindo-se estimuladas a participarem de atividades de leituras. Apresentar metodologias interdisciplinares contribui também para a ação e reflexão na construção da aprendizagem e é um caminho a ser percorrido que ajuda nas intervenções pedagógicas do professor permitindo adaptar

sua prática na sala de aula garantindo condições de compreensão em cada fase do processo ensino aprendizagem.

Para os PCNs (BRASIL, MEC/CEF, 1999) a alfabetização, considerada em seu sentido restrito de aquisição da escrita alfabética, ocorre dentro de um processo mais amplo de aprendizagem da Língua Portuguesa.

No Brasil, no entanto, somente nestes últimos anos pensou-se na oferta de escolas para todos, como obrigatoriedade do Estado, e foram criadas unidades escolares em quase todo o recanto desse imenso território brasileiro; num movimento contrário ao que até então se conhecia, uma vez que, historicamente, o ensino primário, que havia sido implantado durante o sistema colonial e arrastado até a Lei 5692/71 atendia apenas a elite brasileira; e, portanto, não necessitava de haver nenhuma preocupação por partes dos representantes locais ou regionais em enviar para os pequenos municípios ou vilarejos professores capacitados que pudessem proporcionar uma educação de qualidade para a população atendida. (SADER, 2009).

Segundo Barbosa:

Alfabetizar é um processo que deve ao mesmo tempo regatar e recriar a experiência vivida pelo alfabetizando, não deve ser ela entendida apenas como um processo através do qual se ensina a repetir palavras. Ela deve se preocupar, antes de qualquer coisa, em ensinar o uso da palavra. Isso implica o processo de conscientização do alfabetizando para ajudá-lo a despertar para a realidade concreta em que vive. (BARBOSA, 1997 p. 43).

Paulo Freire (1990) afirma que, a leitura de mundo precede a leitura da palavra, da mesma maneira que o ato de ler palavras implica necessariamente uma contínua releitura do mundo.

Alfabetização não se restringe aos primeiros anos escolares do aluno, ela acontece nos graus de ensino envolvendo tanto os alunos quanto os pais. Não se trata mais a alfabetização como um processo específico de ser desenvolvido por um professor especialista em apenas uma habilidade; como acontecia em outros tempos, onde as atividades de leitura e de escrita eram concebidas como aprendizagens individuais e separadas, ou seja, os filhos de pais que tinham condições financeiras razoáveis assumiam as despesas de um mentor para ensinar às crianças a arte de escrever as primeiras letras, após vários anos de praticar a

leitura e, na escola onde o educador era especialista em três habilidades, trabalhava de forma individual, dividindo a turma em grupo, respeitando os níveis de aprendizagens.

Ainda para Barbosa (*idem: ibidem*) a alfabetização é um fenômeno pedagógico, com a escola podendo atuar com gerência de socialização desse processo. Parece ser um projeto político, fundamentalmente um fenômeno social e cultural. O processo de alfabetização exige certas condições prévias que possibilitem à criança a identificar elementos críticos da escrita, estabelecer correspondências, considerar uma ordem pré-fixada, dentre outras. Torna-se necessário certo estágio de desenvolvimento das operações intelectuais. Sem que estas condições estejam realizadas na criança redundam em fracasso. (J. BARBOSA, 1994 p.72).

Existe um grande número de alunos prejudicados comparados a outros, que já dominam habilidades e competências sobre a leitura e a escrita, como um método de expressão oral para a expressão escrita. A educação foi a grande conquista brasileira da década de 90 e nesses últimos anos avançou bastante em todos os níveis de ensino da educação infantil à pós-graduação.

Retrata Gumperz que:

Apesar de ser não apenas a capacidade de ler, escrever e calcular, a alfabetização funcional também é considerada a capacidade de usar essas habilidades para gerar novos métodos letrados e novos entendimentos. Mesmo quando as avaliações da funcionalidade permanecem técnicas, é provável que os julgamentos da alfabetização mudem do nível factual para o nível avaliativo e, provavelmente contenham posições culturalmente aceitas. A noção de analfabetismo assume uma nova especificidade, como a ausência de todas essas habilidades "funcionais" e, dessa forma, torna ainda mais provável a associação negativa. Os problemas relacionados com a alfabetização fazem parte de uma questão mais ampla que diz respeito aos objetivos da educação contemporânea. O nosso próprio desenvolvimento histórico, no último século, no qual a alfabetização e a escolarização assumiram uma posição central como uma força social técnica e fundamental na vida contemporânea. (GUMPERZ, 2008 p.34 e 35).

Com a revolução industrial surge a necessidade de uma mão de obra qualificada que fosse capaz de operar as máquinas e a partir desse período e que houve a preocupação com o analfabetismo brasileiro por parte do poder econômico,

forçando assim o estado a assumir a responsabilidade de oferecer escolas técnicas para o trabalhador. Desde então passou a ser diagnosticado e mostrado para a sociedade brasileira a quantidade de pessoas analfabetas existente no país.

Várias pesquisas foram realizadas acerca da alfabetização para mostrar a quantidade de analfabetos existentes no mundo, e de forma especial no Brasil, com o objetivo de diagnosticar os problemas que afetam direta ou indiretamente o processo de desenvolvimento da alfabetização, e com isso buscar soluções que venham a melhorar a qualidade da educação pública, oferecendo oportunidades e respeitando a heterogeneidade dos indivíduos envolvidos.

Moacir Gadotti (apud KLEIMAN: 1998, p. 58) afirma que *“não existem receitas mágicas, nem métodos ou técnicas que garantam que estamos realmente reaprendendo a educação ou reproduzindo a educação”*. É preciso ter atitudes críticas diante da situação das nossas escolas e planejar mudanças significativas, as quais só serão realizadas com a participação de todos os envolvidos no campo educacional. É importante saber quais os problemas enfrentados na escola que temos hoje, e, a partir daí, discutir e refletir qual escola desejamos. Para isso os projetos políticos, sociais, econômicos e pedagógicos terão que estar associados.

Apesar de ser uma tarefa difícil, que exige a cooperação de todos; essa mudança será possível com o desenvolvimento dos saberes existentes, saindo de dentro da escola e indo para os diversos espaços ocupando a mente e a vida dos indivíduos, contribuindo para a transformação pessoal, possibilitando-os a desenvolverem suas habilidades e competências em situações diferenciadas, motivando-os a enfrentarem os problemas do cotidiano.

Os educadores precisam conhecer a importância do seu papel nessa história, e saber que a realidade das salas de aula exerce um enredo de questões sociais, econômicas, políticas e pedagógicas. Sendo assim, função e educação não são neutras.

Com a democratização do sistema de ensino, as medidas aplicadas não são apenas representações teóricas de instrumentos atualizados ou de conhecimentos do cotidiano do educador. Democratizar a escola é um processo, cujo resultado não se dá de imediato, por uma questão social, cultural e política, com o objetivo de provocar uma transformação significativa para a sociedade como um todo.

O educador precisa compreender a realidade da clientela, buscando o envolvimento entre a mesma, nas diferentes áreas do conhecimento, mostrando-se preocupados com as futuras gerações, visando uma mudança social urgente.

Altet apud Perrenoud afirma que:

A dificuldade do ato de ensinar está no fato de que ele não pode ser analisado unicamente em termos de tarefas de transmissão de conteúdos e de métodos. O ensino também pode ser concebido como um processo de tratamento de informação e da tomada de decisões em sala de aula. O modelo pedagógico triangular professor-aluno-conhecimento é dinâmico e comporta quatro dimensões em interação recíproca em uma situação ensino-aprendizagem; aluno-professor-conhecimento-comunicação. (ALTET apud PERRENOUD, 1994).

A metodologia aplicada hoje em sala de aula, não se resume apenas em repassar conteúdos, onde o professor, há tempos atrás, era o detentor de saberes e o aluno o receptor (deposito de conhecimentos). Já se considera o educando um sujeito ativo, participativo, crítico, capaz de desenvolver habilidades diferenciadas para a construção do seu conhecimento nos diversos campos de aprendizagem.

(...) uma pedagogia crítica de alfabetização e da voz deve estar atenta à natureza contraditória da experiência e da voz do aluno. "(...) uma pedagogia como essa, não deve ser concebida a partir de uma determinada forma de comunidade humana em que a pluralidade seja dignificada mediante a construção de relações sociais em sala de aula, em que todas as vozes se unifiquem em suas divergências, tanto em seus esforços para identificar e relembrar momentos do sofrimento humano quanto em suas tentativas para superar as condições que perpetuem aquele sofrimento". (FREIRE e MACEDO, 1990 p. 20 e 22.).

O educador deve oportunizar o educando a desenvolver seu senso crítico e valorizar suas experiências vividas e presenciadas, oferecendo condições para que se expressem de forma objetiva e que possa contribuir para a melhoria da compreensão do sistema lingüístico envolvendo leitura e escrita, como também entender o sistema educacional como um processo imposto para que haja uma modificação necessária na formação do indivíduo, e que, às vezes, se tornam meios de privilégios apenas para as classes dominantes. Afirma Freire que, a alfabetização

torna-se uma forma de capital cultural privilegiado, e os grupos subalternos merecem ter sua fatia na distribuição desse tipo de moeda cultural. (FREIRE, 1990 p. 4).

Para que haja uma educação de qualidade, o professor precisa de disponibilidade de tempo para sua formação continuada, através da qual irá propiciar avanços qualificativos no campo educacional e isso emperra pelo fato de que recebem, geralmente, um salário irrisório, não vindo a contribuir para sua sobrevivência, necessitando, dessa forma, trabalhar em horários opostos ou até mesmo em outros campos, ficando indisponível para a preparação da ação docente. Sendo uma das profissões com baixa remuneração, leva o profissional a se sentir desmotivado a buscar sua qualificação no campo de trabalho, ficando a depender da "boa vontade" das políticas públicas desenvolvidas em seu município para adquirirem a sua formação profissional. Através da formação, os professores são capazes de se comprometerem com a qualidade da educação, passando-a para seus alunos, seguindo o calendário escolar, adequando os conteúdos à realidade dos mesmos, de forma que possa garantir o aprendizado esperado. O próximo capítulo discutirá a importância da educação continuada.

2. FORMAÇÃO CONTINUADA DOS ALFABETIZADORES: UMA NECESSIDADE

Sendo o professor um portador relevante do papel social, como um dos agentes da mudança social, é necessário que o mesmo busque condições para a realização da transformação da sociedade a qual está envolvido.

Um dos fatores imprescindíveis para tais mudanças é a formação continuada e permanente por se saber que o conhecimento é um produto inacabado e que deve ser renovado a cada dia. O educador deve sempre analisar a sua prática pedagógica refletindo sobre o conteúdo social e o momento em que se vive, adequando suas metodologias as condições reais do alunado para um bom andamento do processo de ensino/aprendizagem.

Marieta Lúcia Nicolau e Maria Adélia Moura (1996) enfatizam que a eficiência da ação docente depende não só da consciência crítica da realidade, mas também do instrumental teórico que o professor recebe durante o processo de sua formação que não cessa nunca. É esse instrumental teórico, fundamentado nos vários campos do conhecimento (ciências exatas, humanas e biológicas), que constituiu a base do "saber fazer" pedagógico.

A ação docente do professor precisa entender o sistema de "crenças" dos educadores, e sugerir experiências que lhe auxilia na mobilização e transformação por meio de dinâmicas práticas de vida, ajudem a sua superação no fazer pedagógico nas suas intervenções interdisciplinares.

Afirma Freire (1990) que a experiência docente constitui conteúdo para a formação do professor e que deve valorizar a sua prática pedagógica.

É preciso que os responsáveis pela educação busquem acessórias técnicas lingüísticas que venham contribuir para a formação do professor com qualidade, oferecendo-lhe condições necessárias no campo da teoria e da ciência que muitas vezes foram desprezados por não aceitarem o professor crítico no campo político; visto que a educação foi a grande conquista brasileira da década de 1990 e, nesses últimos anos, avançou bastante em todos os níveis de ensino desde a educação infantil a pós-graduação.

Um dos três problemas mais graves que o país enfrenta, a educação é tratada como solução e por sua vez, toda a sociedade se conscientizou da importância da educação para a vida das pessoas, como fator para a realização

pessoal e profissional. As ações foram: colocar toda criança na escola, evitar a evasão escolar, garantir a aprendizagem, promover inclusão digital, e tantas outras. (JORNAL DO MEC, 2002)

Sabemos que boa educação começa com bons professores: daí a ênfase na valorização e na qualificação do magistério, por meio de programas de formação. Além do aumento do número de professores. Porém, nada disso seria possível se não contássemos com o empenho e o entusiasmo dos professores, desde aqueles que percorrem quilômetros para levar o conhecimento às populações carentes em distantes localidades, até os que estimulam a pesquisa nas instituições de ensino superior, em grandes centros (idem: ibidem). E a determinação desses mestres que hoje nos leva a deslumbrar um país capaz de se destacar na era do conhecimento e garantir, a todo brasileiro, o direito de ser um verdadeiro cidadão.

Aquino (2002, p.14), indica que: *“Das poucas certezas que restam atualmente sobre o trabalho de educar, um princípio é incontestável: a capacitação do educador nunca é adquirida por completo uma vez que ela nunca se esgota”*. Ou seja, é preciso estar adiante do seu tempo, construindo e promovendo educação e aprendizagem.

Segundo o PCN de Alfabetização (BRASIL, 1999 p. 86):

O profissionalismo exige compreensão das questões envolvidas no trabalho, competência para identificá-las e resolvê-las, autonomia para tomar decisões, responsabilidade pelas opções feitas. Exige também capacidade de avaliar criticamente a própria atuação e o contexto em que ela ocorre, de interagir cooperativamente com a comunidade profissional do qual se faz parte e de manter continuamente atualizado.

Isto implica na aquisição, inclusive, de segurança pedagógica. O que é reforçado por Freire:

A segurança com que a autoridade docente se move implica numa outra, a que se funda com sua competência profissional. Nenhuma autoridade docente se exerce ausente desta competência. O professor que não leve a sério a sua formação, que não estude não se esforce para estar à altura da sua tarefa, não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. Isto não significa porém, que opção e a prática democrática do professor seja determinada por sua competência científica. Há professores cientificamente

preparados, mas autoritário a toda prova. O que quero dizer é que a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor. (FREIRE, 1996 p. 91)

Para se ter competência profissional é necessário que se tenha uma boa formação a qual poderá oportunizar ao professor uma reflexão crítica sobre a sua prática pedagógica de forma que lhe de autonomia para assumir a tarefa de educador com o compromisso de transformar o indivíduo em um agente social capaz de mudar a sociedade a qual esteja inserido. Porém sabe-se que existe aquele profissional que mantém uma postura inflexível e que não se deixa envolver com os problemas sociais dando mais ênfase aos conteúdos a serem transmitidos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (op. Cit.) incluem temas vinculados a formação do cidadão e as questões de ética, cidadania e pluralidade cultural, além de educação ambiental, educação para a saúde e orientação sexual. E o programa parâmetros em ação está capacitando todo o sistema nessa nova abordagem. Os professores tem se utilizado de tais mecanismos para melhorarem sua prática cotidiana?

Freire ainda argumenta:

[...] preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, a coragem de querer bem aos educandos e a própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, por ser professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos por igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de automaticamente zelar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre *seriedade docente e afetividade*. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e "cinzento" me ponha nas minhas relações com os alunos no trato aos objetos cognoscíveis que devemos "ensinar"... "o que não posso, obviamente, permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético do meu dever de professor no exercício de minha autoridade". [...] (FREIRE, 1996 p.141)

Como os professores de alfabetização estão sendo capacitados para exercerem este papel? Há formação continuada no município de Jacobina com tais docentes? Tais questões serão discutidas a seguir.

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após a realização da pesquisa de campo, sobre as dificuldades no processo de ensino–aprendizagem na alfabetização; com 10 (dez) professores da Rede Municipal de Ensino; no segmento Fundamental I, do município de Jacobina, nas escolas Elvira da Costa P. D. Pires, Creche Municipal de Paraíso e no Colégio Municipal Fernando Wilson Magalhães, Creche Tio Pedro, no distrito de Itapeipu; buscando compreender como a formação do professor alfabetizador interfere no processo de aprendizagem dos alunos.

Foram elencadas oito (08) questões fechadas, e disponibilizadas aos professores no período de 14 a 18 de maio do corrente ano.

Acerca do perfil dos professores foram:

Cinco (5) dos entrevistados concluíram o Magistério; Um (1) o curso de formação Proleigos, dois (2) Pedagogia, um (1) Licenciatura em Letras com Inglês e uma (1) se recusou a responder ao questionário. Portanto, a amostra deu-se em nove participantes. Destes 33,3% são de nível superior e 66,7 % têm apenas o ensino médio, como mostra a figura 01 abaixo:

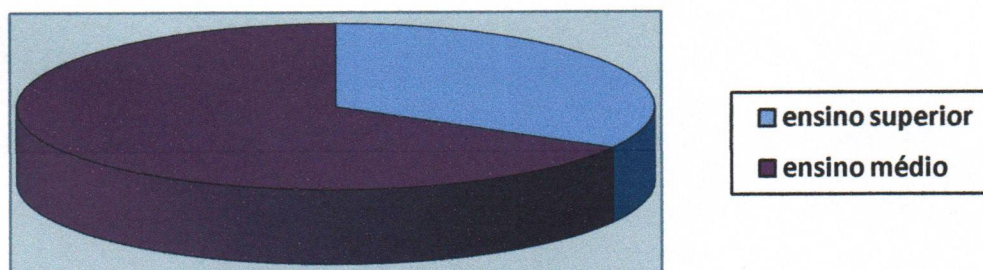


Figura 01. Nível de Escolaridade das Professoras Alfabetizadoras

Fonte: Pesquisa de Campo, 2009

Todos os entrevistados foram do sexo feminino, fazendo um total de 100%.

Quanto à experiência de tempo em classes de alfabetização, três (3) têm de um a cinco anos, uma (1) de onze a vinte; e cinco (5) mais de 20 anos, como mostra a Tabela 01 abaixo:

Tabela 01: Experiência com Alfabetização

01 a 05 anos	11 a 20 anos	Mais de 20 anos
33,4%	11%	55,6%

Fonte: Pesquisa de Campo, 2009

Ao questionar se têm recebido cursos de atualização profissional de alfabetização, nove (9) responderam que não, fazendo um total de 100%.

Percebe-se aí, a falta da formação continuada ou em serviço. A verdadeira formação contínua se dá quando, juntos os profissionais de educação se dispõem a construir consensos éticos sobre o que é educar num contexto democrático. Senão, trata-se de desperdício de tempo e de esforços. (AQUINO, 2002).

Os responsáveis pelos cursos de formação de professores, principalmente os que destinam a área da educação pré-escolar e as séries iniciais do 1º, deveriam rever a estrutura e o funcionamento desses cursos, de forma a oferecer a esse professor o preparo necessário e condizente com sua futura atuação. Ainda persistem, na prática os problemas que vem dificultando uma formação abrangente que de condições ao professor de atuar da pré a 4ª série. (NICOLAU, 1986, p. 6,).

A formação continuada do educador contribui para a mudança em sua prática pedagógica, transformando saberes existentes por meio de parcerias, envolvendo os alunos em atividades que contemplem as experiências vividas e respeitando a do outro, interagindo e adaptando a outras aprendizagens dentro e fora do espaço escolar. Se nenhuma das entrevistadas tem formação específica para serem alfabetizadoras, como podemos dizer que o problema dos alunos chegarem ao final

do fundamental I sem terem adquirido as habilidades necessárias de leitura e escrita e serem considerados, de fato, alfabetizados?

Na questão 4, que questionava: “*Para melhorar a sua prática pedagógica enquanto alfabetizadoras, o que fazem?*”. Sete (7), num total de 78%, afirmaram que leem livros específicos; destes mesmos 7, três fazem pesquisas na internet, lêem jornais, revistas, etc. (42,8%)

- Uma (1) das entrevistadas tem assinaturas de livros, revistas e de periódicos sobre alfabetização. (11%)
- Outra só pesquisa na Internet (11%)

Porém, nenhuma assiste a programações de TV que auxiliam na formação continuada, como TV Escola; Canal Futura, TV Educativa e outras; perfazendo um total de 100%.

A Figura 02 demonstra esta relação:

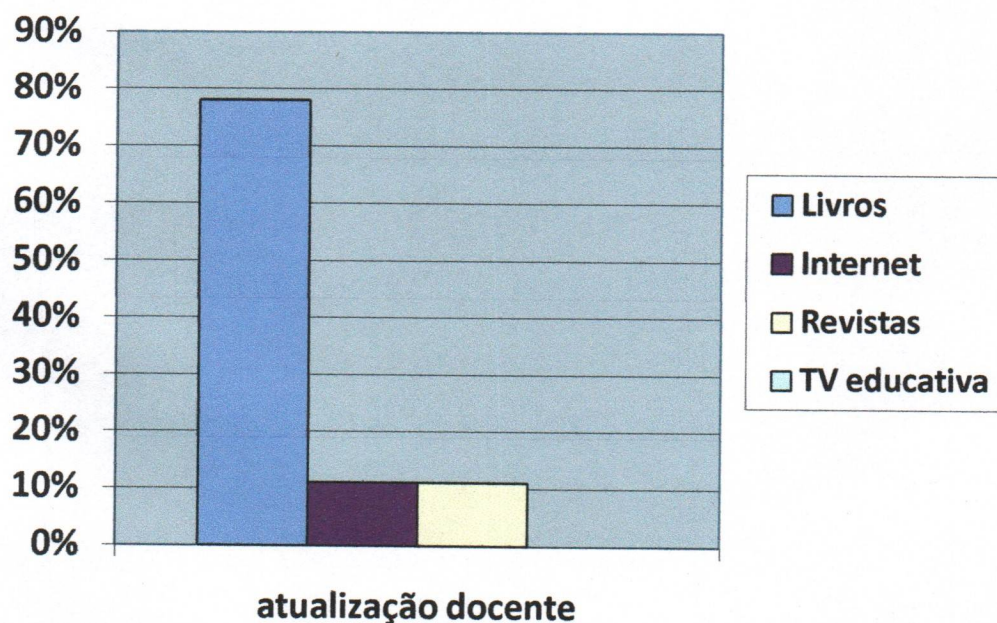


Figura 02: Meios de Atualização Docente
Fonte: Pesquisa de Campo 2009.

Os motivos que levam o professor a trabalhar com alfabetização variam entre a falta de opção para três (33,3), se identificam com a série seis (66,7).

Quanto aos métodos utilizados para avaliar os alunos, um (11%) realiza trabalhos em grupo e individual, sete (77,7%) consideram a participação, atenção, cooperação e interesse como forma de avaliar, e dos mesmos oito (88,8%) utilizam atividades diárias, três (33,3%) observam o desenvolvimento do aluno no dia a dia.

Para 1% dos professores o aluno está alfabetizado quando lê, escreve palavras e frases simples, 3% consideram a leitura e a interpretação de pequenos textos realizados pelos alunos, 9% quando lêem e escrevem sem dificuldade, de forma que outra pessoa entenda, 1% quando os alunos estão aptos a compreender gêneros textuais diferentes que estão presentes no seu dia a dia.

Como dizia o pedagogo e sociólogo norte-americano John Dewey (1859 – 1952), [...] *“quando se fala que um professor tem dez anos de experiência, vale - se perguntar se ele tem dez anos de experiência ou um ano de experiência repetido dez vezes”*. *“Só a reflexão sobre a prática tem caráter formador de fato”*. Mesmo as equipes escolares que contam com professores com boa formação e muita prática precisam de reuniões para conhecer e discutir as questões específicas da comunidade onde atuam.

O tempo de experiência em sala de aula só conta ponto para o processo de ensino-aprendizagem, quando são feitas reflexões necessárias sobre as maneiras de como o profissional está desenvolvendo o seu trabalho, se está alcançando êxito no campo educacional, se os resultados estão sendo satisfatórios. Embora para o professor profissional o tempo passa a contar para a estabilidade no emprego e aposentadoria.

A experiência segundo Freire (1996, p.87), se poderia refinar e aprofundar tal ponto, por exemplo, que se realizasse um seminário quinzenal para o debate das várias curiosidades, bem como dos desdobramentos das mesmas.

A questão 08 questionava sobre *quais as maiores dificuldades para a realização do trabalho do alfabetizador*. As respostas variaram entre:

- 1 (11%) a falta de formação específica,
- 8 (88,8%) a falta de material didático,

- 1 (11%) falta de apoio pedagógico,
- 7 (77,7%) ausência de cooperação e auxílio da família,
- 3 (33,3%) o desinteresse do aluno,
- 5 (55%) salas superlotadas,
- e 1 (11%) a indisponibilidade de tempo para o planejamento de aulas lúdicas e prazerosas.

A Tabela 02 representa os percentuais por esferas:

Tabela 02: Dificuldades para realizar o Trabalho de Alfabetização

Esferas	Escolar/Pedagógica	Sociofamiliar	Profissional/docente
Itens	Material didático	Família ausente	Formação específica
	Apoio pedagógico	Desinteresse	Falta de tempo
	Sala superlotada	Defasagem idade/série	
Nº de respostas	14	10	02
Percentual	155%	111%	22%

O que vem a demonstrar que as professoras não admitem nem assumem que o grande problema no processo de alfabetização está nelas mesmas pela desatualização e falta de tempo para preparar as aulas (22,0%), diante de todas as demais esferas e dificuldades no seio da escola.

A competência de ser professor é algo de dificilmente se ensina, mas que facilmente se aprende quando a representação que criamos de professor corresponde a de um profissional do humano, que aceitou desempenhar na sociedade a função de educar por via do ensino, ou seja, que se compromete a criar condições para que os outros aprendam e para que se eduquem.

Segundo Alarcão:

A competência profissional dos professores não é estática. Muito pelo contrário, apresenta-se com um caráter extraordinariamente dinâmico, sobretudo se os professores souberem estar atentos aos desafios do cotidiano e fizerem dela um contexto de qualificação permanente. (ALARCÃO, 2001 p.18).

Diante disso tudo compreendemos que, mais do que assumir uma sala de aula, é preciso estar preparado para enfrentá-la e isto só se fará mediante muito estudo e capacitação constantes.

Para Freire:

É fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevam desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. [...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. (FREIRE, 1996 p. 38)

A seguir apresentaremos as conclusões do trabalho realizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Para que este trabalho fosse realizado, buscou-se compreender como a formação do professor interfere no processo de alfabetização; identificando qual a formação do alfabetizador; analisando de que forma a formação deste ou desta interfere na sua prática pedagógica; descrever e caracterizar elementos que contribuem para a formação do educador e quais os elementos, que contribuem para uma prática consistente.

A realidade da educação do município de Jacobina, ainda esta distante de ser a idealizada pelos educadores, governos e toda a sociedade envolvida, uma vez que, dados da pesquisa revelam que o profissional indispensável para o desenvolvimento inicial da alfabetização não tem recebido cursos específicos de letramento. Apesar de que a maioria dos que trabalha com alfabetização se identifica com a série, estando, desta forma, condizente com o que dizem Freire e Alarcão, porém, para alcançar bons resultados no campo profissional especificamente para o professor, é necessário trabalhar a valorização humana, mostrando afetividade de forma individual e respeitando a heterogeneidade existente em toda a sociedade. Ou seja, a formação do professor como um processo contínuo e indispensável para o bom desempenho da atuação docente.

O trabalho de edificação dessa nova consciência só se tornará possível 'a medida que os educadores optarem, coletivamente, por *arregaçar as mangas do pensamento*. Ninguém pode fazê-lo por nós ou a despeito de nós.

Dados revelados na pesquisa de campo mostraram que para melhorar a prática pedagógica, a maioria das entrevistadas realiza leituras em livros específicos para alfabetização. Porém, baseados nos estudos bibliográficos, constata-se que é necessário a utilização de vários recursos possíveis como livros, revistas, programações de TV, pesquisas na internet, entre outros para possibilitar ao professor o pensar e repensar sobre sua prática permanente; observando o que realmente obteve sucesso e modificando aquilo que não correspondeu com o esperado. Isso se tornará percebido para o educador quando este participa de uma formação contínua e qualificada numa troca de informações e experiências entre professor – aluno e entre professor – formador.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICA

AQUINO, Julio Groppa. **Os mascates da formação continuada**. Revista Nova Escola. Setembro, 2002.

ALARCÃO, Isabel. **Os questionamentos do cotidiano docente**. Revista Pátio. Ano X Nov 2006/Jan 2007.

BARBOSA, Cláudio L. de Alvarenga. **Educação Física Escolar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 3 edição.

BARBOSA, José Juvêncio – **Alfabetização e leitura** – São Paulo: Cortez, 1994.

BRASIL. **PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais – Alfabetização, Parâmetros em ação** – Ministério da Educação – Secretaria da Educação Fundamental – Brasília: A Secretaria, 1999.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. SP: editora Scipione. 1999.

FAZENDA, Ivani (org.). **Metodologia da pesquisa educacional** – 3 edição- São Paulo: Cortez, 1994.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção leitura).

GUMPERZ, Jenny Cook e colaboradores. **A Construção Social da Alfabetização** – Porto Alegre: 2 ed. Artmed, 2008.

Jornal do MEC. **As conquistas da Educação**. Órgão Oficial do Ministério da Educação – Ano XV N° 23 – Brasília – DF – Nov/ Dez de 2002.

KLEIMAN, Ângelo. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 6 edição. Campinas SP: Pontes, 1998.

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado e MOURA, Maria Adélia. **Alfabetizando com sucesso: a comunicação e a expressão da criança**/ São Paulo: EPU, 1986.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

_____, Philippe, PAQUAY, Lé Opolde – **ALTET. Margeriti. CHRLIER, Evelyne. (org.). Formando Professores Profissionais. Quais Estratégias? Quais Competências?** 2ª edição revista. Editora Artmed, 2001.

SADER, Emir. **Brasil - Alfabetização Para a Organização do Povo**. Disponível em: <http://www.cefep.org.br/noticias/alfabetizacao>. Acesso em 26.05.2009

SMOLKA, Ana Luiza Bustamonte. **A criança na fase inicial da leitura: A Alfabetização como processo discursivo**. 11 ed. – São Paulo: Cortez, Campinas SP: 2003.

TEBEROSKY, Ana. **Além da Alfabetização**. SP: Ática, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Questionário aplicado aos professores.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
PROGRAMA REDE UNEB 2000
PROGRAD – SEC. MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO - JACOBINA
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre as dificuldades no processo ensino-aprendizagem na alfabetização e gostaríamos de contar com a sua colaboração. Muito obrigada!

1. Formação do Professor:

- () Magistério () Pró-leigos () Pedagogia () Aceleração
 () Outra _____

2. Tempo de experiência em classes de Alfabetização:

- () 1 a 5 anos () 6 a 10 anos () 11 a 20 anos () mais de 20 anos

3. Tem recebido curso de atualização profissional específica para alfabetização?

- () sim () não

4. Para melhorar a sua prática enquanto alfabetizador (a), você:

- () lê livros específicos para alfabetizadores
 () tem assinatura de livros, revistas e/ou periódicos sobre alfabetização
 () assiste a programações como: TV Escola, Canal Futura, TV Educativa ou outro
 () outra _____

5. Marque um X nas alternativas que indicam os motivos por que trabalha com alfabetização:

- () falta de opção
 () se identifica com a série
 () tem formação específica para alfabetizar
 () outra _____

6. De que forma você costuma avaliar seus alunos:

- () provas e testes bimensais
 () trabalhos em grupos ou individuais
 () participação, atenção, cooperação, interesse.
 () atividades diárias, como processo.
 () outra _____

7. O que você entende por alfabetização:

- () ler, interpretar e produzir textos maiores
 () ler e escrever palavras e frases simples
 () ler e interpretar pequenos textos
 () ler sem dificuldades e escrever de forma que outra pessoa compreenda
 () outra _____

8. Quais as suas maiores dificuldades ao alfabetizar:

- () não ter formação específica
- () falta de material didático
- () falta de apoio pedagógico
- () a família não auxilia nem coopera
- () o aluno não tem interesse
- () sala superlotada
- () defasagem idade/série
- () outro _____